

**A LEITURA DO MUNDO PERANTE CONTEXTOS MARCADOS PELA  
DIVERSIDADE: O TERRITÓRIO ENQUANTO CHAVE PARA  
COMPREENSÃO DA PALAVRA-MUNDO**

**READING THE WORLD IN CONTEXTS MARKED BY DIVERSITY:  
TERRITORY AS THE KEY TO UNDERSTANDING THE WORD-WORLD**

**LEER EL MUNDO EN CONTEXTOS MARCADOS POR LA DIVERSIDAD:  
EL TERRITORIO COMO CLAVE PARA COMPRENDER LA PALABRA-  
MUNDO**

Irenaldo Pereira de Araújo<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente estudo quer se debruçar sobre o contexto em dinâmicas de leitura do mundo. No estudo, o sujeito de investigação é a palavra-mundo, enquanto instrumental que antecede a leitura da palavra escrita e ocorre por meio de pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, considerando o território como categoria de análise. O estudo quer investigar elementos conceituais que contribuam com o entendimento daquilo que ocorre em dinâmicas territoriais e que abrem caminhos para o desvelamento do contexto, mediante análise de conteúdo. Como resultados, são apresentados apontamentos relacionados a esclarecimentos conceituais sobre dinâmicas territoriais. Enquanto discussão, são pontuadas questões identificadas a partir dos resultados, evocando-se a necessidade de um olhar mais atento ao contexto vivido, diante de manifestações imateriais que se materializam em processos de territorialização. O presente estudo abre perspectivas para a necessidade de um olhar mais atento ao contexto, em vista de compreensões com mais profundidade da leitura do mundo, da abertura de possibilidades às pessoas quanto ao direito de *ser-mais* e de viver plenamente o exercício da cidadania, enquanto sujeitos de direitos.

**Palavras-chave:** Educação Popular – Educação Contextualizada – Direitos Humanos.

**ABSTRACT**

This study wants to focus on the context in dynamics of reading the world. In the study, the subject of investigation is the word-world, as an instrument that precedes the reading of the written word and occurs through bibliographic research, with a qualitative approach, considering the territory as a category of analysis. The study aims to investigate conceptual elements that contribute to the understanding of what happens in territorial dynamics and open the path for unveiling the context, through content analysis. As results, notes related to conceptual clarifications on territorial dynamics are

---

<sup>1</sup> Educador, licenciado em Pedagogia, com doutorado em Educação, professor no Departamento de Educação – DEDUC, do Centro de Ensino Superior do Seridó – CERES, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. CV: <http://lattes.cnpq.br/9034698853097874>. ORCID iD: 0009-0006-9155-7374. Email: [irenaldo.araujo@ufrn.br](mailto:irenaldo.araujo@ufrn.br).



presented. As a discussion, issues identified from the results are highlighted, evoking the need for a closer look at the lived context, in the face of immaterial manifestations that materialize in processes of territorialization. The study presented here opens perspectives for the need of a closer look at the context, in view of more in-depth understanding of the world, opening up possibilities for people regarding the right to be more and to fully live the exercise of citizenship, as individuals with rights.

**Keywords:** Popular Education – Contextualized Education – Human Rights.

## RESUMEN

Este estudio desea centrarse en el contexto de las dinámicas de lectura del mundo. En el estudio, el tema de investigación es la palabra-mundo, como instrumento que precede a la lectura de la palabra escrita y se da a través de investigación bibliográfica, con un enfoque cualitativo, considerando el territorio como categoría de análisis. El estudio tiene como objetivo investigar elementos conceptuales que contribuyan a la comprensión de lo que ocurre en las dinámicas territoriales y que abran caminos para develar el contexto, a través del análisis de contenido. Como resultados se presentan notas relacionadas con aclaraciones conceptuales sobre las dinámicas territoriales. Como una discusión, se destacan problemáticas identificadas a partir de los resultados, evocando la necesidad de una mirada más cercana al contexto vivido, frente a manifestaciones inmateriales que se materializan en procesos de territorialización. El presente estudio abre perspectivas a la necesidad de una mirada más cercana al contexto, en vista de una comprensión más profunda del mundo, abriendo posibilidades para las personas respecto del derecho a ser más y vivir plenamente el ejercicio de la ciudadanía, como sujetos. de derechos.

**Palabras clave:** Educación Popular – Educación Contextualizada – Derechos Humanos

## INTRODUÇÃO

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.  
(Freire, 1994, p. 11)

O presente estudo consiste num diálogo com a *leitura do mundo* como instrumental que precede a *leitura da palavra*, conforme se evoca no *corpus freiriano*. Com isso, parte-se do entendimento que “[...] um pensador comprometido com a vida: não pensa ideias, pensa existência”, como assevera o professor Ernani Maria Fiori ao se referir a Paulo Freire no prefácio da obra *Pedagogia do Oprimido* (1987, p. 9). O ato de pronúncia da palavra vem carregado de existência. Os alfabetizandos, diante disso, “[...] precisam compreender o mundo, o que implica falar a respeito do mundo” (Freire e Macedo, 2022, p. 84).



No *corpus* freiriano é muito comum expressões como *palavra-ação*, *palavra-mundo*, às quais se apresentam, talvez, como necessidade de aproximar aquilo que é dito ou pronunciado, do chão em que se pisa ou do contexto vivido. Entretanto, quando nos debruçamos sobre a etimologia do vocábulo *palavra*, tendo por base a sua origem grega – *logos* –, observa-se que este vem carregado de vivências, estando relacionado ao “[...] sentido objetivo e concreto da existência” (Miguez, 2019, p. 116). Outrossim, a palavra pronunciada vem carregada de vida. Em tal contexto, uma *palavra-geradora* não se trata de um ajuntamento de letras ou sílabas, mas histórias de vida.

Com a pronúncia da palavra, conforme afirma Fiori (apud Freire, 1987, p 13), “[...] o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana.” Aquilo que impedia ao ser humano em pronunciar a palavra vem a ser superado. O ser humano passa a agir de forma consciente, passando a se inserir no processo histórico.

A pronúncia da palavra, por sua vez, emana liberdade. A visão negativa que se tinha de si mesmo vem a ser superada, ou seja, a citada pronúncia contribui com a superação do denominado sentimento de autodesvalia, o qual se trata de uma característica assumida pelo oprimido como resultado “[...] da introjeção que fazem eles da visão que deles têm os opressores” (1987, p. 50). Isto quer dizer que, de tanto serem negadas na sua condição de *ser*, as pessoas oprimidas passam a assumir a identidade construída por quem tanto lhes nega.

A pronúncia da palavra, no entanto, corrobora com a superação daquilo que contribui com destruição da vida. É o que Freire (1987, p. 52), citando o psicanalista Erich Fromm, aponta como possibilidade de se vencer manifestações necrófilas. Tal pronúncia é tão significativa que o próprio psicanalista reconhece, diante de Freire, que uma prática educativa com tais características vem a ser “[...] uma espécie de psicanálise histórico-sociocultural e política” (Freire, 1992, p. 56). Com isso, a pessoa sai de uma condição de passividade à de protagonista, é o que corresponde “[...] a ‘expulsão’ do opressor de ‘dentro’ do oprimido, enquanto *sombra* invasora” (Freire, 2019, p. 81, *grifos do autor*).

A leitura do mundo vem a ser um passo importante para a compreensão da realidade e das relações que configuram o contexto. A palavra dita vem emaranhada de vivências e carregada de elementos que ajudam no desvelamento do que se evidencia num dado cenário. “É imprescindível uma leitura do mundo que contextualize, geste e emoldure um sentido para a palavra. Palavra que, ligada a um contexto, engravidamos



de sentidos íntimos e coletivos”, conforme destaca Passos, (2010, p. 238), ao tratar desta expressão no *corpus* freiriano.

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”, é o que afirma Freire (1994, p. 11) ao tratar sobre a importância do ato de ler. Outrossim, ao se apresentar como pronúncia do mundo “[...] a palavra compreende o anúncio e a denúncia” (Almeida & Streck, 2010, p. 299).

A palavra dita, enquanto palavra-ação, aponta-se como carregada de existência: “aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra. E a palavra humana imita a palavra divina: é criadora”, conforme assevera Fiori (apud Freire, 1987, p. 20). A força da identificação do universo vocabular está para além das palavras, mas remonta o que de mais íntimo se vivencia no contexto local. Portanto, não se trata da escolha de palavras pela sonoridade, mas por aquilo que é expressão do mundo-vivido. Sendo assim, corrobora-se com Larrosa quando afirma que “[...] pensar a educação a partir da experiência a converte em algo mais parecido com uma arte do que com uma técnica” (2022, p.12).

A palavra dita mergulha no contexto existencial da pessoa que lhe pronuncia, tanto em âmbito individual, quanto coletivo. Conforme destaca Freire (2019, p. 95, *grifos do autor*), “[...] o espaço pedagógico é um *texto* para ser constantemente ‘lido’, ‘interpretado’, ‘escrito’ e ‘reescrito’”. O ato da leitura oportuniza um mergulho na experiência existencial e no contexto vivido. Por meio da palavra dita, o ser humano “[...] assume conscientemente sua essencial condição humana, conforme destaca Fiori (apud Freire, 1987, p. 13).

Ao descrever sobre a pesquisa que fazia em busca da identificação do universo vocabular, Freire apresenta as palavras do povo como “[...] grávidas de mundo” (1994, p. 20). A palavra dita nasce dentro de um contexto, sendo este compreendido como “[...] o mundo onde a vida vive a sua história” (Brandão, 2003, p. 22), o lugar “[...] onde as pessoas estão juntas, vivem juntas e aprendem a viver juntas” (Idem, 2003, p. 22). É no contexto, que se descobre a palavra-mundo, que vem carregada de emoções, de cores, de saberes, de cultura. A dinâmica da aprendizagem ocorre em comunhão entre as pessoas e mediatizada pelo mundo, conforme assevera Freire (1987, p. 69). Por mais que se viva localmente, todo o agir está em perspectiva global: “agir no específico em nome do plural” (Brandão, 2008, p. 157). O chão em que se engatinha ou que se dá os

primeiros passos abre caminhos para descobertas na vida inteira, fazendo parte de memórias que nos seguirão por toda a existência.

Se a leitura do mundo precede a leitura da palavra, há de convir a sua importância para a compreensão daquilo que está sendo escrito ou pronunciado. A interação entre texto e contexto é tão íntima que vai exigir da pessoa que se aproxima da palavra um certo conhecimento do contexto em que ela foi pronunciada. “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”, é o que assevera Freire (1994, p. 11) ao destacar esta interação.

A leitura da palavra-mundo nem sempre é agradável. Muitas vezes, podemos nos deparar com situações que demonstram o quanto estamos sendo enganados. Antes, por meio de uma consciência ingênua, não percebíamos, mas, na atualidade, por meio de uma leitura crítica da realidade, passamos a ver o mundo a partir de novos olhares.

“Como educador preciso ir ‘lendo’ cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem do seu contexto imediato e do maior do que o seu é parte”, afirma Freire (2019, p. 78, *grifo do autor*). Esta afirmação ocorre numa perspectiva em que a necessidade de se realizar a leitura do mundo é apresentada mediante olhares cada vez mais aprofundados: cada ação, num dado contexto, está em conexão com situações mais abrangentes.

Outrossim, para que a leitura do mundo ocorra de forma mais aprofundada aponta-se a necessidade de o educador estar em sintonia com a realidade que está sendo analisada: “[...] não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito”. E, no mesmo parágrafo, o autor conclui: “E isso vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo *leitura do mundo*, que precede sempre a *leitura da palavra*” (Freire, 2019, p. 78, *grifos do autor*).

Como chave para interpretações a respeito da leitura do mundo, observa-se a necessidade de se partir do contexto imediato, observando a sua interação com a realidade na qual este se insere. O chão em que se pisa se abre em espiral para se compreender a palavra-mundo.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo busca investigar elementos conceituais que contribuam com o entendimento daquilo que ocorre em dinâmicas territoriais e que abrem caminhos para o desvelamento do contexto, partindo do local para o global. Em tal relação, o global e



o local, segundo Gadotti (2000, p. 36), “[...] se fundem numa nova realidade: ‘o glocal’.” Diante desta nova realidade, o chão em que se pisa abre perspectivas para leituras mais amplas no tempo e no espaço. Sendo assim, o local vem a ser um recorte do global, enquanto o global se manifesta no local. Nesta fusão é importante compreender o que é específico nas manifestações analisadas e como cada uma delas se interconectam.

No estudo, o sujeito de investigação é a palavra-mundo, como elemento que precede a leitura da palavra-escrita e ocorre por meio de pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, considerando o território como categoria de análise.

A pesquisa bibliográfica, conforme assevera Marconi & Lakatos (2010, p. 44), vem a ser considerada “[...] como o primeiro passo de toda pesquisa científica”, colocando “[...] o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto”. Neste aspecto, a pesquisa bibliográfica aproxima o pesquisador da literatura especializada sobre o que está sendo investigado.

A abordagem qualitativa destaca-se como “[...] de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida” (Flick 2009, p. 20). Na relação com o contexto, busca-se ir ao encontro de dinâmicas de territorialidades e processos de territorialização que vem contribuindo para o estado como se encontram os espaços habitados.

A análise de conteúdo vem a ser apresentada como possibilidade compreensão do que vem sendo identificado no contexto, considerando que é apontada como instrumento que “[...] procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça (Bardin, 2011, p. 50). Neste aspecto, a análise de conteúdo, enquanto esforço interpretativo, “[...] oscila entre dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem” (Bardin, 2011, p. 15). A leitura do mundo, com técnicas de análise de conteúdo, possibilita um debruçar-se mais aguçado sobre as relações que constituem contexto.

A leitura do mundo traz como ponto de partida aquilo que é parte do espaço vivido, a qual se dá por meio da observação de paisagens que muitas vezes são parte constitutiva de recortes delimitados para análise de aspectos da realidade ou até mesmo para melhor compreensão da realidade que nos circunda. É por meio de tais recortes que se dissecam o mundo vivido, possibilitando que o contexto seja desvelado, com mais profundidade.



## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O fato de a leitura do mundo preceder a leitura da palavra, observa-se como relevante a necessidade de buscar entendimentos sobre o contexto vivido, a fim de que o que está sendo pronunciado possa reverberar com o contexto existencial e ambiental dos sujeitos pensantes.

A leitura do mundo, com técnicas de análise de conteúdo, possibilita um debruçar-se mais aguçado sobre as relações que constituem o contexto, ajudando-nos, conforme Bardin (2011), a um olhar mais atento sobre aquilo que está por trás das palavras, quer sejam da palavra-mundo ou da palavra escrita ou pronunciada.

No presente estudo, num primeiro momento, apresentamos alguns apontamentos de resultados sobre esclarecimentos conceituais para o entendimento de dinâmicas territoriais, e, num segundo momento, apresentamos algumas discussões geradas a partir de tais esclarecimentos.

### **Apontamentos de resultados sobre esclarecimentos conceituais para e entendimentos de dinâmicas territoriais.**

Na busca por esclarecimentos conceituais, sobre dinâmicas territoriais, apontamos os resultados seguindo um triplo movimento: a) Aspectos materiais na configuração territorial; b) Aspectos imateriais na configuração de um território; c) Formação de dinâmicas de territorialização. No primeiro movimento, identificam-se palavras que expressam diretamente aquilo que se pode observar ou até mesmo tocar dentro de um dado contexto. No segundo, trabalha-se mediante o que está por trás das palavras e que contribui para a configuração dos territórios em análise. No terceiro movimento, busca-se o entendimento de palavras que estão relacionadas diretamente na formação de dinâmicas de territorialização.

#### *a) Aspectos materiais na configuração territorial*

Na busca pela compreensão da configuração de um dado território, apontamos como necessária a compreensão das seguintes expressões: território – espaço – paisagem – meio natural. O entendimento destas palavras contribui com a averiguação do que ocorre no interior de um território em análise, buscando compreender o que se pode visualizar no chão em que se pisa.

Quando falamos sobre território, a sua configuração “[...] é dinâmica e oportuniza leituras diversas sobre a realidade” (Araújo, 2019, p. 68). Tal configuração



está relacionada à espaço de vivências, conforme assevera Santos (2015, p. 96), quando diz que o território “[...] é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence”. É o território, conforme o mesmo autor, “[...] a base da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi” (Santos, 2015, p. 97).

É importante não confundir território com espaço, conforme esclarece Saquet (2015, p. 77):

O território é produto de ações históricas que se concretizam em momentos distintos e sobrepostos, gerando diferentes paisagens. O espaço corresponde ao ambiente natural e ao ambiente organizado socialmente, com destaque para as formas/edificações e para as formas da natureza.”

Ao apontar esclarecimentos sobre espaço, Santos (2014a, p. 67) nos lembra que “[...] constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõe sua própria realidade; por isso a sociedade não pode operar fora dele”. O espaço vem a ser, conforme destaca Saquet (2013, p. 91), “[...] uma realidade relacional, envolvendo a natureza e a sociedade mediatizadas pelo trabalho”.

Ao tratar sobre a paisagem, Santos (2014a, p. 68) ressalta que esta é constituída “[...] pelos fatos do passado e do presente. A compreensão da organização espacial, bem como de sua evolução, só se torna possível mediante a acurada interpretação do processo dialético entre formas, estrutura e funções através do tempo”. Santos ainda destaca que “[...] a paisagem permite apenas supor um passado. A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as formas que realizam, no espaço, as funções sociais.” (Santos, 2014b, p. 107). Sobre a diferenciação entre paisagem e espaço, Santos nos esclarece que não são sinônimos, sendo assim: a paisagem vem a ser “[...] o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima” (2014b, p. 103).

Em relação a expressão meio natural, compreende-se o meio utilizado sem grandes transformações. Neste sentido, a relação humana com o meio natural, mesmo num período considerado pré-técnico, vem a ser uma relação técnica, entre as quais Santos (2014b, p. 235) enfatiza “[...] a domesticação de plantas e animais aparece como momento marcante: o homem mudando a Natureza, impondo-lhes leis.”.

Numa dinâmica de leitura do mundo, as expressões – território, espaço, paisagem e meio natural – contribuem para o entendimento de dinâmicas



organizacionais dos espaços de vivências, com um olhar crítico não somente para a vida presente, mas abre perspectivas para entendimentos sobre processos de ocupação e sobre construção de identidades, observando como se configuram tais dinâmicas com o ambiente natural.

## *b) Aspectos imateriais na configuração de um território*

Ao nos determos sobre a compreensão do que ocorre por trás daquilo que se visibiliza num dado território, deparamo-nos com a necessidade de compreendermos o significado das seguintes expressões: territórios (i)materiais, territorialidade e territorialização.

Diante de um recorte num dado território, é importante o entendimento de como se dão os processos pensados para a sua configuração. Para isso, faz-se necessário partir da relação entre territórios materiais e imateriais. Fernandes (2015, p. 209) apresenta que a produção material “[...] não se realiza por si, mas na relação direta com a produção imaterial. Igualmente, a produção imaterial só tem sentido na realização e compreensão da produção imaterial.” O território imaterial está relacionado com os processos de construção de conhecimento e suas interpretações, sendo assim, conforme o mesmo autor, “[...] inclui teoria, conceito, método, metodologia, ideologia etc. (2015, p. 209). Os territórios imateriais são a base de configuração de todos os territórios.

As dinâmicas de construção de conhecimento ocorrem com uma clara intencionalidade. Conforme assevera Fernandes é “[...] uma disputa territorial que acontece no desenvolvimento dos paradigmas ou correntes teóricas.” (2015, p. 209). Se há uma intencionalidade por trás das palavras em disputa, há de convir a importância de que sejam desvelados tais significados. Sendo assim, ao se tornar conhecedor de tal realidade, aquele que faz a leitura terá mais instrumentais para uma visão crítica do contexto em análise.

Ao considerar o território como instrumento de análise para compreender a palavra-mundo, a palavra territorialidade vem carregada de significados. Saquet (2015, p. 82) lembra que “[...] corresponde às ações humanas, ou seja, à tentativa de um indivíduo ou grupo para controlar, influenciar ou afetar objetos, pessoas e relações numa área limitada”. Territorialidade vem a ser “[...] condição e resultado da territorialização.” (Saquet, 2015, p. 86). Sendo que esta se efetiva nas relações cotidianas, e de acordo com Saquet (2015, p. 86), “[...] ela corresponde às nossas relações sociais cotidianas em tramas, no trabalho, na família, na rua, na praça, na igreja, no trem, na rodoviária, enfim,



na cidade-urbano, no rural-agrário e nas relações urbano-rurais de maneira múltipla e híbrida”. Num mesmo território podem perpassar várias territorialidades, estando relacionadas a processos identitários diversos.

O conceito de territorialidade, de acordo com Candiottto & Santos (2015, p. 319), “[...] representa os vínculos que determinado indivíduo e/ou grupo social possuem com um ou mais territórios materiais (físicos) ou imateriais (virtuais), como algo subjetivo, ligado à percepção”. Para os autores, as territorialidades “[...] são fundamentais para a construção de identidades” (2015, p. 319).

É importante a compreensão da dinamicidade das territorialidades. Vale salientar que estas se expressam no tempo e caracterizam-se por continuidades e descontinuidades. Saquet (2013, p. 79, *grifos do autor*) considera que, num processo dialético, “[...] historicamente, as sociedades se territorializam, desterritorializam e reterritorializam, numa sucessão de diferentes territorialidades, *materiais e imateriais.*”

Sobre o conceito de territorialização, Cadiotto & Santos (2015, p. 325) lembram que este é “[...] é mais amplo que o de territorialidade, pois a territorialização corresponde ao processo de formação de um território, que depende do conjunto de objetos e de ações de diversos atores, sejam firmas, órgãos públicos ou indivíduos”. Sobre esta diferença, prosseguem os autores, enquanto a territorialização “[...] é física e material, porém está vinculada a aspectos políticos e econômicos (i)materiais”; a territorialidade é “[...] subjetiva e direcionada à área de atuação/influência de indivíduos e grupos sociais, eminentemente vinculada à esfera política, econômica, social e simbólica”. Num mesmo território podem existir diversas territorialidades, com processos específicos de territorialização.

Consideramos relevante, ao apresentar o território como categoria de análise para a compreensão da palavra-mundo, investigar elementos conceituais que contribuam com o entendimento daquilo que ocorre em dinâmicas territoriais e que abram caminhos para o desvelamento do contexto, partindo do local para o global. Diante tal investigação, abrem-se perspectivas para uma melhor compreensão sobre o que ocorre no interior de cada território em análise, desde os impactos que se pode visualizar, até as intencionalidades que estão por trás daquilo que lhe ocorre.

### 3.1.3 Formação de dinâmicas de territorialização

A formação de um dado território ocorre mediante um longo processo de territorialização. Sendo assim, apontamos três expressões que podem ser descritas como



palavras-chave em dinâmicas de territorialização-desterritorialização-reterritorialização, desde os que ocorrem numa perspectiva de regulação ou de emancipação: colonialidade, decolonialidade e contracolonialidade.

Ao se referir à colonialidade, Quijano apresenta a seguinte descrição:

[...] é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social quotidiana e da escala societal (2010, p. 84).

Colonialidade está vinculada a colonialismo, sendo este “[...] uma estrutura de dominação/exploração onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de um população determinada domina outra de diferente identidade e cujas sedes centrais estão, além disso, localizadas noutra jurisdição territorial” (Quijano, 2010, p. 84). No dizer de Rufino (2019, p. 12), ao se referir sobre a colonização, aponta como “[...] uma engenharia de destroçar gente”. Com isso, enquanto projeto, a colonização é uma barbárie, mediante práticas usurpadoras nos territórios ocupados.

O projeto de colonialidade está associado à Modernidade: “[...] não pode haver modernidade sem colonialidade; que a colonialidade é constitutiva da modernidade, e não derivativa” (Mignolo, 2005, p. 78). As dinâmicas de territorialização foram pensadas a partir de um determinado centro, que se autodetermina como padrão a ser seguido. Quem não se enquadra a tais padrões passa a ser visto como não-ser, desde as pessoas, às suas manifestações culturais, crenças e saberes.

Os projetos de colonialidade do poder, do saber e do ser determinam questões relacionados à fé, à razão, à ciência, à liberdade, à democracia, ao conhecimento, aos valores, à etnia, à visão de pessoa e de mundo, dentre outras. Conforme Santos e Menezes (2010, p. 19), para além de todas as dominações, o colonialismo “[...] foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu a supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados”. Aqui se expressa a raiz epistêmica e ontológica de tantos massacres contra pessoas, povos e culturas tidas como inferiores. A colonialidade, por sua vez, conforme descreve Rufino 2019, p. 37), vem a ser compreendida como “[...] o legado das desigualdades e injustiças produzidas pelo colonialismo europeu”. O colonialismo é chave de leitura para se compreender tantas situações de epistemicídios que se fazem presentes até os dias atuais.

A configuração do território brasileiro é parte dos projetos de colonialidade europeia pensados para as Américas. A imposição de uma identidade a partir do colonizador, promove uma desconstrução daquilo que se constitui enquanto identidade por parte dos colonizados.

É afirmando a negação-epistêmica promovida pela colonialidade, enquanto força hegemônica, que se dá visibilidade às forças decoloniais, enquanto presença contra hegemônica. “A virada linguística, elementar para a constituição crítica ao colonialismo, pode ser também entendida como sendo a *dobra na palavra* performatizada pelos múltiplos saberes praticados na banda de cá do Atlântico”, destaca Rufino (2019, p. 14, *grifos do autor*). É por meio das leituras sobre a força destruidora dos projetos de colonização, que se pode compreender os movimentos que lhe são contrários.

Enquanto movimento contra hegemônico, Rufino (2019, p. 12) identifica a decolonização “[...] não somente como conceito, mas enquanto prática social e luta revolucionária [...] uma ação inventora de novos seres e de reencantamento do mundo”. As forças hegemônicas e contra hegemônicas, conforme Araújo (2019, p. 25) “[...] se manifestam nos espaços de vivências. As intencionalidades de ambas são conflitantes. Não existe neutralidade nesta relação. [...] Cada expressão traz sua fundamentação epistemológica e gnosiológica. Os ruídos são diversos.” Vale salientar que a crítica aos paradigmas hegemônicos se refere às expressões de colonialidade. A mudança que se provoca consiste na passagem do conhecimento-regulação ao conhecimento-emancipação.

É neste contexto que Santos e Meneses apresentam as Epistemologias do Sul, que se trata de um conjunto de intervenções epistemológicas com um duplo movimento: por um lado, “[...] denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante [...]” (2010, p.13), e por outro, “[...] valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos” (2010, p.13). Sendo assim, há de convir que não há neutralidade epistêmica.

O colonialismo vai desconstruir tudo o que remonta positividade no que é nativo, destruindo os sistemas de referência dos povos colonizados, sendo assim, conforme enfatiza Fanon, o panorama social “[...] é desestruturado, os valores ridicularizados, esmagados, esvaziados” (2018, p. 80). Em tal contexto, o que vem a ser bom é aquilo que chega aos territórios ocupados na perspectiva da colônia. O próprio colonizado, conforme assevera Fanon (2022, p. 49), “[...] é um perseguido que sonha



permanentemente em se tornar perseguidor”. O que não está em sintonia com aquilo que é definido como hegemônico pelo sistema colonial é reificado, inclusive as pessoas. É daí que são formatados padrões de estética, beleza, crenças e valores. O colonialismo promove submissão, conforme tão bem retrata Bispo dos Santos (2023, pp. 77). As pessoas são negadas a partir dos seus sistemas de valores e convencidas da sua inferioridade.

“O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo”, destaca Bispo dos Santos (2023, p. 58). Este terceiro movimento é apresentado como algo que está para além da decolonialidade, pois nasce das vivências de povos originários e tradicionais, a exemplo dos povos indígenas, camponeses e quilombolas. O movimento decolonial é apontado pelo autor “[...] como a depressão do colonialismo, como a sua deterioração” (2023, p. 53).

No movimento contracolonial, conforme Bispo dos Santos (2023, p. 29), as pessoas são apresentadas como “[...] ente do cosmos”, tendo como ponto alto o saber-se parte da natureza. Há um diálogo com o que destaca Kambeba (2020, p. 19) ao mencionar a contribuição dos anciãos, quando ensinam “[...] a valorizar a natureza”; e uma sintonia com o que Acosta (2016, p. 24) apresenta como Bem Viver, que consiste em “[...] um processo de matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a natureza”. Nesta cosmovisão, não há distinção entre o físico e o espiritual.

“A superação das desigualdades é inescapável. A descolonização e a despatriarcalização são tarefas fundamentais, tanto quanto a superação do racismo, profundamente enraizado em nossas sociedades. As questões territoriais requerem urgente atenção”, é o que apresenta Acosta (2016, p. 27) como caminho urgente a ser seguido.

O Bem Viver é uma proposta que nasce a partir dos povos andinos, mas que está em comunhão como modos de vida de outras tantas nações indígenas ou de povos tradicionais que se organizam em harmonia com a natureza.

Compreende-se, pois, o indígena como referência aos povos originários de um determinado território, conforme nos esclarece Castro (2023) quando apresenta o significado da palavra *indígena*: “pessoa ou comunidade originária de um lugar determinado, que ali vive ou a ele está ligada por um laço imanente; que se sente uma ‘propriedade’ da terra antes que proprietária dela”. Conforme o mesmo autor, os povos indígenas “[...] são antes de tudo aqueles que foram invadidos pelos indígenas da Europa

em sua expansão imperial a partir do século XVI”. Quanto aos povos e comunidades tradicionais, compreende-se:

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (Brasil, 2007).

Os povos e comunidades tradicionais se organizam a partir de territorialidades de resistência, muitos dos quais permanecem em luta para a conquista de seus territórios.

O Bem Viver como territorialidade se expressa “[...] enquanto soma de práticas de resistência ao colonialismo e às suas sequelas, é ainda um modo de vida em várias comunidades indígenas que não foram totalmente absorvidas pela Modernidade capitalista ou que resolveram manter-se à margem dela.” (Acosta, 2016, p. 70).

Em tal perspectiva, “[...] o Bem Viver se transforma em ponto de partida, caminho e horizonte para desconstruir a matriz colonial que desconhece a diversidade cultural, ecológica e política” (Acosta, 2016, p. 83). Neste aspecto, o Bem Viver é apresentado como alternativa ao desenvolvimento.

Em tal dinâmica, faz necessária, na leitura do mundo, a desterritorialização de práticas que degradam o ambiente e, ao mesmo tempo, que abram possibilidades que promovam a reterritorialização com práticas que estejam em sintonia com a defesa da vida. A relação desterritorialização-territorialização-reterritorialização é constitutiva na formação dos territórios, cujo processo vem acompanhado por territorialidades de regulação ou emancipação.

### **Apresentação de discussões mediante esclarecimentos conceituais sobre de dinâmicas territoriais.**

Ao trazer como sujeito de investigação a leitura do mundo ou a palavra-mundo, como elemento que precede a leitura da palavra-escrita, tendo o território como categoria de análise, evoca-se a necessidade de um olhar mais atento ao contexto vivido, desde aquilo que se pode perceber pela sua materialidade, como aquilo que se manifesta de forma imaterial, mas que se materializa como resultado do que foi pensado como projeto aos territórios ocupados.

As paisagens que são parte de uma realidade podem evocar como ocorreram os processos de ocupação de um dado território, além das dinâmicas de territorialização que se fizeram presentes num dado contexto.

Quando numa paisagem se observam áreas degradadas, com certeza não são frutos de um acaso, mas são decorrentes de projetos de ocupação que não respeitaram a capacidade de suporte de um determinado bioma. E geralmente isto ocorre como decorrência de práticas de ocupação que tem como finalidade a exploração daquilo que garantia o equilíbrio de quem vivia em harmonia com a natureza.

Sempre quem degrada é quem não tem vínculo com os territórios ocupados. Estão ali apenas para saquear aquilo que consideram como bens. O vínculo do indígena com o seu território é sagrado. Afinal, este se sente parte do espaço em que vive. Este vínculo sagrado também se percebe por parte de povos tradicionais, a exemplo de camponeses e quilombolas. Esta relação é tão próxima, que estes povos conseguem manter uma relação de diálogo com o ambiente, a partir de fenômenos naturais ou até mesmo observando o comportamento de animais nativos. Ouvir os sinais do vento, das florestas, das águas fazem parte da leitura do mundo.

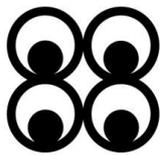
Investigar elementos conceituais que contribuam com o entendimento daquilo que ocorre em dinâmicas territoriais e que abram caminhos para o desvelamento do contexto, partindo do local para o global, é importante para a compreensão do espaço vivido.

A correria do mundo moderno quis separar o humano da natureza. É como se o mundo não mais falasse. As próprias pessoas passaram a agir como se máquinas fossem. O diálogo consigo mesmo ou com as pessoas próximas se tornam cada vez mais escasso. As pessoas não mais se conhecem. O seu próprio corpo parece ser algo estranho. Tudo está mercantilizado. Quanto mais isto ocorre, mais as pessoas experimentam um grande vácuo.

O diálogo com o mundo está cada vez mais necessário, desde o entendimento de si, ao diálogo com os mais próximos, desde a própria residência aos vizinhos. Quanto mais se segue os ecos mercadológicos, mas o distanciamento entre as pessoas aumenta.

Mesmo se utilizando da expressão freiriana *palavra-mundo*, constata-se a presença de educadores com dificuldade de dialogar com o contexto e entender que a busca pelo universo vocabular está associada ao existencial de quem pronuncia a palavra.

É a partir do entendimento destas palavras que a leitura do mundo vai trazer novas interpretações sobre o contexto vivido. Sendo assim, cada palavra virá carregada de emotividade, de vida, de história. É por isso que as palavras geradoras tiveram um



grande significado no processo de alfabetização de adultos inaugurados por Freire. Eram palavras que exalavam vida.

Nesta perspectiva, a leitura do mundo pode vir a favorecer melhores entendimentos na superação do patriarcalismo, do racismo, do sexismo, do capacitismo, do etarismo. Ao mesmo tempo, pode se rever a utilização de expressões que promovam o desrespeito a quem quer que seja. Muitas expressões que utilizamos em nosso contexto vêm marcadas pela força do colonialismo, desrespeitando tudo aquilo que não está no padrão eurocêntrico-patriarcal-branco-cristão. Aqui se encontra a raiz de se descartar o que é produzido no Sul global, de considerar inferior o que é expressão do feminino ou das vivências dos povos originários ou tradicionais. É deste ponto de vista colonial que decorre o racismo, a intolerância religiosa, dentre outras heranças que tão mal fazem à nossa convivialidade.

A leitura do mundo proporciona, neste sentido, o reencontro do *ser* consigo mesmo, dando-lhe oportunidade de *ser-mais*. Quantas releituras precisam ser feitas que garantam a implementação de territorialidades que estejam em sintonia com a emancipação das pessoas e do ambiente que elas vivem.

Num cenário de identificação de palavras geradoras, faz-se necessário a compreensão do que elas significam e quais as suas implicações à vida de cada pessoa ou do grupo a que estas estão vinculadas.

No caso, uma mesma palavra geradora pode vir carregada de diferentes interpretações. A título de exemplo, trazemos o relato de uma vivência num encontro com camponeses, no Sertão da Paraíba. Na ocasião, o público presente era provocado o ouvir o que a palavra-mundo nos dizia, a partir de alguns símbolos presentes no ambiente. Dentre estes, foi escolhida uma telha. E uma discussão foi provocada para ouvirmos o que se podia identificar a partir deste instrumento.

No momento, foi identificado que aquela telha específica era guardada como uma relíquia, pois se tratava de uma peça que fazia parte do telhado de uma residência que não havia mais. Sendo assim, aquela família apontou algumas recordações de um tempo que não volta mais. Aquela telha era parte de uma paisagem que remontava muitas memórias. Na ocasião se pôde observar que aquela família tinha muita história para recordar: desde a sua infância, até como viviam os pais e avós. E no calor da emoção, as palavras saíam com dificuldade e acompanhada de lágrimas.

No momento, diante novas provocações, a mesma telha pôde oportunizar outras leituras. O público presente veio a recordar a forma como elas eram feitas. Geralmente,





eram produzidas sob encomenda, especialmente quando alguém ia se casar. Na conversa, muitas situações vivenciadas pelos presentes foram recordadas. Mais uma vez, a emoção se fez presente. Alguns novos relatos sobre a construção de casas na comunidade vieram à tona, especialmente pela solidariedade entre as famílias, considerando que eram construídas em mutirão.

Diante novas provocações, o público presente foi identificando a maneira como são produzidas as telhas na atualidade. A partir de então, foi dito que a atual forma de produção está preocupada apenas com o lucro. Antes, o processo de construção ocorria de acordo com as necessidades locais. Além do mais, havia o envolvimento de toda a comunidade. Atualmente, a produção é realizada por cerâmicas e ocorre em escala industrial. O público presente constatou que com a chegada das cerâmicas aumentou o processo de degradação ambiental, tanto no processo de coleta do barro, como na aquisição de madeira para a queima das peças. Algumas pessoas também relataram a poluição do ar, diante da queima. Na atualidade, a centralidade está no lucro e não no cuidado com o ambiente e com as pessoas que trabalham nas cerâmicas.

Com este breve relato, constata-se que a telha, enquanto palavra-mundo ou palavra-geradora, pode estar associada a vários significados existenciais, que resgatam memórias e que podem contribuir com leituras que possibilitam um melhor entendimento sobre a realidade vivida. No presente relato, a partir de uma telha, foi oportunizada uma análise de conjuntura, partindo-se do local ao global, podendo se observar diferentes recortes vivenciados na realidade. E como se tratava de algo que tinha a ver com o contexto vivencial das pessoas, a leitura do mundo foi realizada de forma compartilhada. O público presente demonstrou bastante desenvoltura no uso da palavra.

Assim, como o exemplo apresentado, quantas outras palavras podem contribuir para o desvelamento da realidade? Esta é uma provocação que nos remete a uma leitura aprofundada do contexto, mediante as palavras-geradoras. Sendo assim, a leitura do mundo não apenas precede a leitura do palavra escrita, mas contribui para o próprio entendimento do ser enquanto sujeito e protagonista dos processos territoriais.

## CONSIDERAÇÕES

O presente estudo quis ser uma provocação sobre a necessidade de um mergulho no contexto quando se deseja conhecer o universo vocabular em qualquer realidade. Sendo assim, não se pode cair na tentação de escolher palavras pela sonoridade, mas é



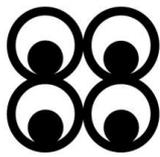
importante a compreensão de que cada palavra dita vem carregada de vida. Cada palavra é um mergulho no universo simbólico de quem pronuncia.

O presente trabalho quer provocar estudos futuros que compreendam o território como instrumento de análise para entendimento da palavra-mundo. Sendo assim, buscam-se pesquisadores que estejam dispostos a um processo de inserção no interior do contexto vivido.

Numa realidade de tantos silenciamentos, a pronúncia da palavra pode vir a significar um reencontro com a seu próprio existencial, garantindo as pessoas o direito de *ser-mais* e de viver mais plenamente o exercício de sujeitos de direitos.

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Trad. Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264p
- ALMEIDA, Cristóvão Domingos de, STRECK, Danilo R. Palavra/Palavração. In: **Dicionário Paulo Freire**. Danilo R. Streck, Euclides Redin, Jaime José Zitzoski (Orgs). 2ed., rev. Amp. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 439p. pp. 299-300.
- ARAÚJO, Irenaldo Pereira de. **Tecnologias Sociais e práticas educativas contextualizadas para a convivência com o Semiárido**: partilhando saberes e construindo novos olhares em territórios camponeses. São Paulo: Diálogo Freiriano, 2019. 290p.
- BARDIN, Laurece. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011. 279p.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **História do menino que lia o mundo**. 5ed. ANCA – Associação Nacional de Cooperação Agrícola: São Paulo, 2003. 72p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. R. **Minha casa, o mundo**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008, 182p.
- BRASIL. **Decreto 6.040/2007**: Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2007. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm)> Acesso: 31dez2023.
- CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa; SANTOS, Roseli Alves dos. Experiências geográficas em torno de uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. (Orgs). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. 2ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015. 368p. pp. 313-338.



CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Indígena*. In: Não se dissolve um levante. 40 vozes a favor dos Levantes da Terra. São Paulo: n-1 edições, 2023. **IHU/Adital**. São Leopoldo, RS: Instituto Humanitas Unisinos, 2023. Disponível em: <<https://ihu.unisinos.br/categorias/629817-indigena-artigo-de-eduardo-viveiros-de-castro>> Acesso: 31dez2023.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Lígia Fonseca Ferreira, Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. 374p.

FANON, Frantz. Racismo e cultura. **Revista Convergência Crítica**. Dossiê: Questão ambiental na atualidade. n. 13, 2018. Núcleo de Pesquisa e Estudos em Teoria Social – NEPETES. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/convergenciacritica/article/download/38512/22083/130009>>. Acesso: 31dez2023.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. (Orgs). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 2ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015. 368p. pp. 195-214.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 29ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 184p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 245p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 58ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019. 143p.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 11ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022. 271p.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000. 217p.

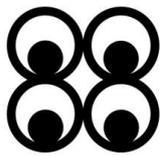
KAMBEBA, Márcia Wayna. **Saberes da floresta**. São Paulo: Jandaíra, 2020. 168p.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. 175p.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básico, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7ed. São Paulo: Atlas, 2010. 225p.

MIGUEZ, Eloisa Marques. **Educação em Viktor Frankl**: entre o vazio existencial e o sentido da vida. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. 198p.

MIGNOLO, Walter D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Trad. Júlio César Barroso Silva. Buenos



Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2005. 280p. pp. 71-103.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENEZES, Maria Paula. (Orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. 637p. pp. 84-130.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. 169p.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. 637p.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5ed., 2. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014a. 120p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ed., 8. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014b. 384p.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 25ed. Rio de Janeiro: Record, 2015, 174p.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. 3ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013. 192p.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. (Orgs). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 2ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015. 368p. pp. 69-90.

*Submetido em: 01/04/2024*

*Aceito em: 13/04/2024*